



GRÉMIO LITERÁRIO



EDIÇÃO ESPECIAL TRÊS

MENSAGEM
DO PRESIDENTE

José-Augusto França é um nome maior da História da Arte, sociólogo, crítico de arte mas, também, ligado à história do Grémio Literário.

Presidente Emérito do Conselho Literário, muito contribuiu para a dinamização cultural do nosso Clube.

Um Prémio Literário eleva o nome do prémio, para além de premiar os autores. O Prémio Literário Grémio Literário, único pelas suas características e de grande prestígio no panorama literário do país, foi obra sua.

Homem superior, sempre atento ao que de melhor se fazia na arte além fronteiras, promoveu a sua divulgação e implementação no meio artístico e no ensino sendo hoje uma referência na História da Arte em Portugal.

O Grémio Literário foi a sua Casa por excelência, dedicando-lhe muito do seu tempo, cabendo agora, à nossa Instituição, recordar a sua obra.

A Professora Doutora Teresa Pinto Coelho, Professora Catedrática, Coordenadora do Doutoramento em Literaturas e Culturas Modernas, Investigadora do IHC, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e membro do nosso Conselho Literário recorda-o, para que nas suas palavras, a trajectória de José-Augusto França seja uma visitação, uma celebração e uma memória do Homem do conhecimento histórico, literário e artístico.

António Pinto Marques

HISTORIADOR
E ROMANCISTA:
JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA
E O GRÉMIO LITERÁRIO

POR
TERESA PINTO COELHO

Professora Catedrática • Coordenadora do Doutoramento em Literaturas e Culturas Modernas • Investigadora do IHC
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade Nova de Lisboa

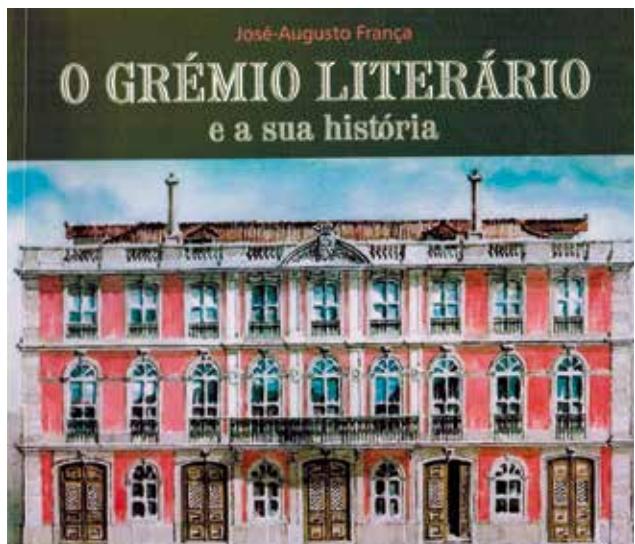
Não sendo historiadora nem historiadora de arte, só consultei um livro do Professor José-Augusto França no início dos anos 80, quando trabalhava para a minha tese de mestrado sobre imagens de Lisboa em relatos de viajantes ingleses em Portugal. Li então o seu estudo seminal *Lisboa Pombalina e o Iluminismo*, tradução da tese de doutoramento que defendera na Sorbonne em 1962. Curiosamente, seria a partir desta obra que iria decifrar uma outra fabulosa cidade

[continua na página 2]

iluminista onde frequentei um curso de verão de língua alemã – Mannheim.

Quanto a José-Augusto França, apenas o conheceria muitos anos mais tarde, no Grémio Literário. E é deste José-Augusto França, o do Grémio, que me ocuparei aqui. Não que seja diferente do reputado historiador de arte, director da *Colóquio/Artes*, do Centro Cultural Português em Paris, ou fundador do primeiro curso de Mestrado em História de Arte e Professor Catedrático da Universidade Nova, a sua e minha casa. Pelo contrário, a sua vivência no Grémio, desde 1967, intersecciona-se com um longo percurso académico-científico e também literário, numa confluência de temas e preocupações que, perseguidos ao longo da vida, vão encontrar eco tanto nos seus escritos como na longa e continuada actividade desenvolvida no Grémio.

E, de imediato, pensamos no livro *O Grémio Literário e a sua História*, publicado em 2005, no qual traça a vida da instituição desde as origens, criada que foi por carta régia de D. Maria II em 18 de Abril de 1846, até ao início do século XXI. Ficamos, desde logo, a saber que se instalou inicialmente, por poucos meses, na Rua do Ouro e depois na Duque de Bragança, em seguida na Rua Nova do Carmo (entre 1847 e 1854) e na Travesseira da Parreirinha (actualmente Rua Capelo), até se mudar para o palácio do Conde de Farrobo, na Rua do Alecrim (hoje Palácio Chiado), onde permaneceu durante seis anos. Passaria em 1875 para o palacete Loures, na então Rua de São Francisco, em plena Lisboa romântica, uma Lisboa muito estudada por José-Augusto França. Cidade também dos romances e outros escritos queirosianos, como fizera notar em *O Romantismo em Portugal*, versão portuguesa da outra tese de doutoramento que defendeu na Sorbonne em 1969, onde o Grémio Literário é já referido, assim como algumas das suas associações a Eça.



É no historial do Grémio que ficamos a conhecer os primórdios da contribuição de José-Augusto França para o relançamento da instituição nos anos 60, sendo de realçar a entrada para o Conselho Literário em 1969 (viria a ser eleito Presidente do mesmo em 1996) e, no ano seguinte, a fundação do Centro de Estudos do Século XIX, por proposta sua, com Joel Serrão, José Manuel Tengarrinha e Vitorino Nemésio como presidente. O Centro tinha o objectivo de promover ciclos de conferências e um colóquio anual. Foram realizados cinco colóquios entre 1970 e 74, nos quais apresentou comunicações sobre várias das temáticas que havia estudado para *O Romantismo em Portugal*, galardoado em 1969 com o Prémio Grémio Literário instituído precisamente nesse ano. Em 1974, seria publicado um volume com os textos do primeiro encontro, decorrido entre 14 e 17 de Maio de 1970.

Tornar-se-ia extenso traçar o percurso de José-Augusto França no Grémio, percurso que, aliás, não tem sido objecto de estudo. Durante meio século, com a sua incansável energia e vastidão de interesses, foi responsável por numerosas iniciativas empenhando-se em trazer ao Grémio figuras do mundo literário, cultural, artístico. Registe-se, mais recentemente, a Sessão Comemorativa do Nascimento de Eça de Queirós em

25 de Novembro de 2013 evocativa dos 110 anos da inauguração da escultura de Teixeira Lopes. Foram, então mostradas raras imagens do acontecimento comentadas pelo próprio organizador, tendo o actor Sinde Filipe recriado a oração de Ramalho Ortigão proferida na cerimónia.

Na Sessão Comemorativa do ano seguinte, levaria ao Grémio João Botelho para comentar passagens da sua adaptação cinematográfica de *Os Maias*, que incluiriam a cena do célebre jantar do Hotel Central, situado no século XIX no Cais do Sodré e filmado por Botelho no Grémio. Na celebração estiveram também presentes: Maria João Pinto (Condessa de Gouvarinho), Jorge Vaz de Carvalho (narrador), João Queirós (paintor); Luísa Gago (desenhos técnicos dos cenários) e Alexandre Oliveira (produtor).

Em 16 de Novembro de 2012, por ocasião do seu nonagésimo aniversário, o Grémio havia-lhe prestado merecida homenagem, momento em



que José de Guimarães lhe ofereceria um retrato que se encontra exposto na sala VIP. Ao jantar teria a honra da presença do Doutor Mário Soares.



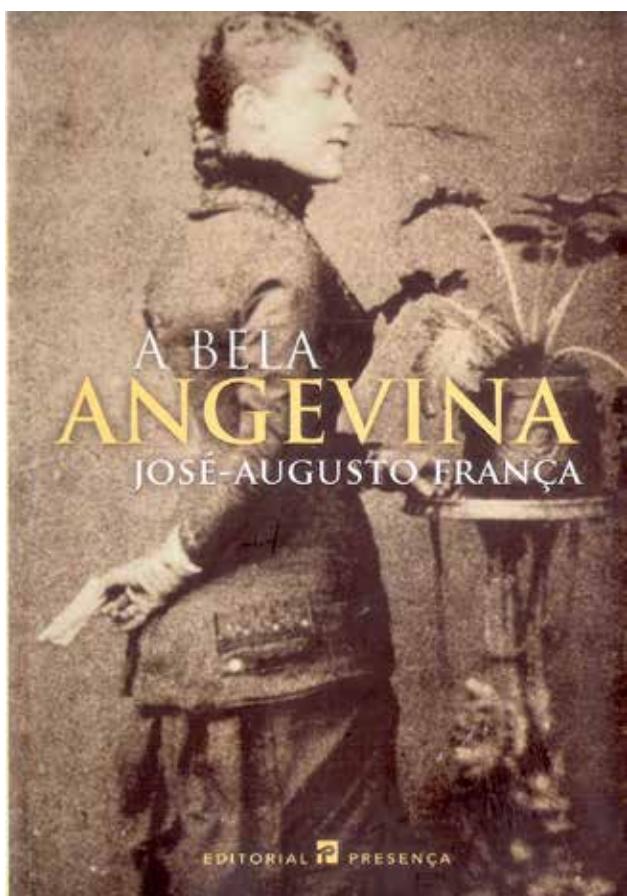
É também na sala VIP que encontramos parte da biblioteca pessoal que ofereceu ao Grémio. Percorremos a extensa listagem de títulos na impossibilidade de consultar a biblioteca. Nela figuram muitos livros sobre arte portuguesa e estrangeira, Lisboa (a sua Lisboa...), ficção estrangeira, de autores portugueses oitocentistas – com destaque para Garrett, Júlio Dinis e Camilo (sempre o Romantismo) – e numerosas obras de Jorge de Sena e de António Pedro (sobre os quais escreveria), e ainda de Eduardo Lourenço. Encontramos igualmente alguns dos seus estudos, por exemplo: *A Reconstrução de Lisboa e a Arquitectura Pombalina*, *A Arte Portuguesa de Oitocentos*, *O Modernismo na Arte Portuguesa*, ou *A Arte Portuguesa no Século XX*. Curiosamente, ao contrário do que esperava, existem pouquíssimas publicações sobre Eça de Queirós e, de sua autoria, apenas *A Cidade e as Serras*. Terá querido ficar com Eça perto de si, pensei.

Mas, o romancista está, como vimos, presente desde o início da investigação de José-Augusto França, pelo que decidi ler o seu romance *A Bela Angevina* pensando que seria muito provável nele encontrar referências ao Grémio. Percorri-o com voracidade, levada pelo interesse de uma história irresistível que imagina Eça (Queiroz, no romance) vivendo em Angers uma relação amorosa que lhe serve de inspiração para *Os Maias*, num momento em que a obra já se encontra em gestação. E identifiquei várias e interessantes menções ao Grémio, que em muito ultrapassaram as minhas expectativas.

A Bela Angevina tem origem num pequeno grupo de cartas queirosianas, apenas 20, no qual se incluem cinco enviadas de Dinand, onde Eça passou férias de verão procurando escapar aos rigores do clima britânico de que tantos queixumes, para não dizer lamúrias, nos deixou. A primeira data de Junho de 1878 e as outras quatro

são do ano seguinte. De Angers, Eça escreve em 1879, 1880, 1882 e 1884.

A estas missivas juntam-se quatro fotografias tiradas num reputado estúdio da cidade, onde podemos ver uma jovem mulher muito bela (numa das quais pousando com Eça e o seu irmão Alberto), até hoje não identificada. O que iria Eça fazer a Angers ao longo de cinco anos? Quem era esta mulher? Que tipo de relação existiria entre os dois?



José-Augusto França publicou três das fotografias e um artigo numa revista de Angers, tentando encontrar alguém que lhe fornecesse pistas sobre a identidade da fotografada. Tendo a pesquisa resultado infrutífera, responde ficcionalmente a estas perguntas num romance que nos transporta para a Angers da época minuciosamente estudada rua a rua, casa a casa, monumento a monumento, ao mesmo tempo que

assistimos ao desenrolar da história amorosa de Queiroz, que procura a figura feminina central de *Os Maias* e a mulher ideal para si próprio.

Seguindo rigorosamente a cronologia da produção literária e não literária de Eça nesse intervalo de tempo, utilizando a sua correspondência, acompanhando as deambulações do cônsul português por Dinand, Angers, Bristol, Londres, Lisboa e Paris, o autor, insere no romance citações de cartas e outros textos queirosianos, assim como de *Os Maias*, num interessante entrelaçar de testemunhos reais e acontecimentos fictícios. Quanto à figura feminina, de nome Marie, tem uma filha chamada Rose, dona de uma boneca – Cricri. Queiroz oferecer-lhe-á uma cadelinha branca, Niniche....

E o Grémio?, perguntará o leitor. Um dos romances que Eça publica antes da sua estada em Angers é *O Primo Basílo*, posto à venda em Fevereiro de 1878, como rigorosamente mencionado em *A Bela Angevina*. Ao classificar Basílio “Don Juan do Grémio Literário – que, esse sim, conhecia e praticava, como lugar de leitura de jornais e cavaco, de algum *whist* e charutos, em pleno Chiado centro da capital”, o narrador evoca a passagem queirosiana em que o primo de Luísa lhe escreve, precisamente do Grémio.

Outras alusões, mais interessantes, remetem para a Angers oitocentista. Como na Lisboa da época, também ali existia um círculo de sociabilidade, à inglesa, o Grand Cercle, fundado em 1855. França-romancista e sócio do Grémio Literário não resiste a levar o seu Queiroz fictício a esse clube exclusivo e a fazer do também inventado Monsieur Grasset, que, tendo conhecido o português em Dinand o havia persuadido a visitá-lo em Angers, o Presidente da instituição. Logo à chegada, Queiroz é convidado a almoçar no Grand Cercle, o que se repetirá ao longo do romance, ali conhecendo várias figuras importantes

da vida cultural e política angevinas. É no Cercle que lê os jornais de Paris e Londres. Tal como o Eça real no Grémio, pensamos de imediato.

Também em conversa com Marie sobre o Chiado, Queiroz se refere ao Grémio como o “Grand Cercle Literário”. E as sobreposições Cercle / Grémio; Angers / Lisboa / *Os Maias* repetem-se. Pouco depois, é convidado para a abertura da temporada no teatro de Angers, que descreve, acrescentando: “como em São Carlos”, a que se segue uma pequena recepção no Cercle. Como no Grémio, conclui o leitor.

No início de 1880, Queiroz vem a Portugal, tal como Eça, que aqui permanecerá entre Janeiro e Junho desse ano. Em carta a Marie, descreve o renovado Rossio (para o que o Professor França aproveita o seu pormenorizado conhecimento da cidade). O narrador refere-se então às suas “passagens preguiçosas pelo Grémio Literário a ler os periódicos”, o que nos traz à memória o importante acervo de periódicos que, na época ali existia e cuja consulta é mencionada em textos de Eça e de Jaime Batalha Reis. A Marie, escreve Queiroz: “O Grémio, o que era? Mas era o Grand Cercle de Angers em mais pequeno: uma faia constitucional à sombra da qual, qual Tityro, ele repousava... *sub tegmine fagi*”, adaptando José-Augusto França a citação do artigo queirosiano sobre Disraeli publicado na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro em Julho de 1881, que também transcreve em *O Grémio Literário e a sua História*. O fio de continuidade mantém-se.

E, nesse momento, pensa Queiroz: “Ah, porque não moraria ela no prédio do lado, nesta rua tranquila de S. Francisco? Ele subiria a visitá-la, enviar-lhe-ia flores, brincaria com Rose”. Somos inevitavelmente levados a novo paralelismo com *Os Maias* recordando que Maria Eduarda alugara o 1º andar no prédio da mãe do Cruges, situado nessa mesma rua, a poucas portas do Grémio.

E o narrador acrescenta, como se tivesse medo que o leitor não percebesse que *A Bela Angevina* deve funcionar como uma prequela do romance queirosiano: “Carlos à espera de destino...”.

Ainda em Angers, Queiroz, tal como Eça, escreve *O Mandarim*. Será no Cercle que falará sobre o romance “como se estivesse em Lisboa, pensou ele, a certa altura, com um arrepião”.

No final, Marie casa-se com um homem mais velho tornando-se Marie de Trelain e indo viver perto de Orléans, novamente, como em *Os Maias*.

Dois anos após a publicação do romance, em 4 de Outubro de 2007, José-Augusto França organizou em Angers um colóquio queirosiano, ao mesmo tempo que era inaugurada no edifício do já desaparecido Hotel du Cheval Blanc, onde, segundo registado em algumas das suas cartas, Eça se alojaria, uma lápide comemorativa da estadia do romancista nesse estabelecimento, o mais caro da cidade, também frequentado por Camus e Henry James.

Da bela desconhecida de Angers permanece desconhecida a identidade. Quanto ao Professor França, nomeado Presidente Emérito do Conselho Literário do Grémio em 2016, deixou Lisboa indo viver para uma localidade perto de Angers, Jarzé, onde é escrito o romance.



“José-Augusto França – Liberdade Cor de Homem”, recente documentário exibido na RTP2 em 11 de Novembro de 2020 fornece-nos belas imagens desse espaço campestre e da bonita casa, propriedade de sua mulher, onde se faria fotografar, sentado no jardim, imerso em *Le Monde*. Como Eça, lendo o *Figaro* no jardim de sua casa da Avenue du Roule, em Neuilly-sur-Seine. Coincidência?

